

**PENSAMIENTO INDÍGENA EN NUESTRAMERICA
DEBATES Y PROPUESTAS EN LA MESA DE HOY**

Pedro Canales Tapia y Sebastião Vargas

Editores

*Colección Estudios de las Ideas
Volumen 3*

ARIADNA EDICIONES

**PENSAMIENTO INDÍGENA EN NUESTRAMERICA
DEBATES Y PROPUESTAS EN LA MESA DE HOY.**

Pedro Canales Tapia y Sebastião Vargas, Editores

Colección Estudios de las Ideas, 3

ISBN: 978-956-8416-66-9

Gestión editorial

Ariadna Ediciones

www.ariadnaediciones.cl

ariadnaedicionesoa@gmail.com

Portada: Diego Rivera, fragmento

El genio creador del Sur, 1940

Santiago de Chile

Primera Edición

Agosto 2018

Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons Atribución-
NoComercial-SinDerivadas 4.0 Internacional.



*A 15 años de la muerte del joven mapuche
Alex Lemün, asesinado por bala policial en
Territorio Mapuche, al sur de Chile,
en noviembre del año 2002*

ÍNDICE

Prólogo, p.9

Sebastião Vargas

Introducción, p. 17

Pedro Canales Tapia

La comunalidad oaxaqueña: lucha y pensamiento indígena, p.27

Elena Nava Morales

Manuel Quintín Lame, pasado y presente del movimiento indígena en Colombia, p. 47

Yolanda Ramos

Yachay tinkuy y kuyana: dos tropos del conocer y del hacer entre kichwas de la sierra norte del Ecuador*, p. 71

Mercedes Prieto, Benjamín Inuca, Lui M. de La Torre

Geo-grafías decoloniales y el pensamiento femenino indígena. Tejiendo y modelando resistencias y re-existencias en la Amazonía ecuatoriana, p. 101

Maria Luiza de Castro Muniz - Angélica María Cárdenas Piedrahíta

“Las modas teóricas pasan, pero el colonialismo queda”: a atualidade do pensamento anticolonial mapuche, p. 131

Sebastião Vargas

La organización de comunidades mapuche y tehuelche 11 de Octubre, p. 159

Ana M. Ramos

Participantes, p. 191

* Las palabras en idiomas americanos se reproducen tal como han sido escritas por quienes han entregado cada trabajo. Nota de los editores

Prólogo

Tive que responder a mil perguntas complicadas.

Darcy Ribeiro

*Se não houver mais xamãs para segurar o céu,
ele não ficará no lugar. Quem vai sustentá-lo,
então?*

Davi Yanomami

*Por que temos reagido à presença deles (os
brancos) aqui mais como um castigo de que
como uma oportunidade?*

Aílton Krenak

*Tudo isso resume-se em formular a questão
“impossível”: o que acontece quando se leva o
pensamento nativo a sério?*

Eduardo Viveiros de Castro

Gostaria de iniciar as questões e inquietações que este livro pode (e deve) suscitar evocando a história do encontro entre dois homens e das perguntas que se fizeram. Dois personagens a mais de uma longa cadeia de lutas coletivas, plena de heróis anônimos que nunca terão seus nomes escritos nos livros de história. Desses dois personagens também não se sabe ao certo os nomes de batismo. Mas suas palavras, vindas do fundo da história e da terra, já não poderão ser facilmente arrancadas pela soberba do poder. Ambos estão mortos. De algum modo, morreram para nascer.

O cenário: a Selva Lacandona no sudeste mexicano. Um setor montanhoso particularmente inóspito e

desabitado, ou melhor, habitado por “espíritos, mortos, animais selvagens e divindades remotas”. O ano: 1984.

Um deles, um jovem revolucionário provindo das cidades e com os sonhos do Che Guevara no coração. Estava ali participando da organização de um movimento de libertação nacional. Sua tarefa era “alfabetizar e dar aulas de história do México” para os integrantes do diminuto grupo de insurgentes.

O outro, um ancião *ch’ol* experimentado na tradição rebelde das comunidades *mayas*, provavelmente buscando conhecer melhor os forasteiros, entender o que queriam. Os dois homens conversam. O velho índio responde às perguntas com outras perguntas. Enquanto o professor guerrilheiro *explica a história* – a revolução agrária de Morelos – o índio *conta histórias* – o mito de Votán Zapata...

Nesse encontro, e nos muitos encontros posteriores entre nossos personagens, se falou daquilo que o presente livro fala: da sabedoria da consciência comunitária; da terra, do território e de suas *outras grafias e geografias*; da memória histórica; da arma da cultura; da mística rebelde. Os diálogos desse encontro podem inspirar nossos debates sobre as facetas e limites do indigenismo; sobre as relações entre o passado e o presente dos movimentos indígenas; sobre suas resistências, (re)existências, transformações e revoluções; sobre os “papéis” do saber, da força do pensamento e do sentido do aprender. Falou-se muito em e com dignidade...

Dez anos depois desse encontro, na madrugada de primeiro de janeiro de 1994, um inesperado levante indígena fez o mundo conhecer o Exército Zapatista de Libertação Nacional. Era uma das múltiplas faces daquilo que logo foi considerado um novo ciclo da “emergência indígena” na América Latina. Seu porta-voz (um dos seus chefes militares), agora conhecido como Subcomandante Insurgente Marcos, era o professor de história do encontro que mencionamos.

Poucos meses depois, nos escritos do subcomandante e nos comunicados oficiais do EZLN, eis

que surge o velho Antônio, o ancião *ch'ol*, com seus relatos cheios de cosmogonia *maya*. É o próprio Marcos quem conta que, a partir daquela primeira conversação, Antônio se converte na ligação indispensável entre o pequeno grupo guerrilheiro da montanha e as comunidades indígenas. Foi Antônio a pessoa responsável pelo sucesso da comunicação entre os dois grupos “en el nivel de las ideas y palabras”¹. É ele o símbolo do vasto e multiforme movimento das comunidades indígenas que “reconfiguram” o projeto inicial dos guerrilheiros marxistas forjando as características próprias da insurgência zapatista. O velho Antônio morreu pouco antes do levante de 1994. Provavelmente de tuberculose, seguramente na miséria. Seu espírito e pensamento (como é comum entre esses homens e mulheres sem rosto) continuam a habitar a “longa noite” na Selva Lacandona.

Iniciemos, pois, o nosso livro com um trecho vindo da pluma e da voz desses dois protagonistas das lutas indígenas na América Latina: essa será nossa homenagem aos muitos que viveram e morreram lutando por um mundo menos desumano.

A história das perguntas²

Aperta o frio na serra. Ana Maria e Mário me acompanham nessa exploração, dez anos antes do amanhecer de janeiro. Os dois acabam de se incorporar à guerrilha e a mim, então tenente de infantaria, tocava ensinar o que outros tinham me ensinado: viver na montanha. Ontem topei com o velho Antônio pela primeira vez. Mentimos ambos. Ele dizendo que estava indo ver sua

¹Jan de, Vos, *Una tierra para sembrar sueños: una historia reciente de la Selva Lacandona, 1950-2000*. México, FCE, CIESAS, 2002, p. 368.

²“Carta de Marcos a remitentes que aún no obtienen respuesta (13 de diciembre de 1994)”. In: EZLN. *Documentos y comunicados* (vol. 2). Prólogo de Antonio García de León y crónica de Carlos Monsiváis, México, Era, 1998, pp- 159-162 (tradução livre do autor e de Susana Guerra).

roça, eu dizendo que estava caçando. Os dois sabíamos que mentíamos e sabíamos que sabíamos. Deixei Ana Maria seguindo o rumo da exploração e voltei a aproximar-me do rio para ver se, com o clisímetro, podia localizar no mapa um monte bastante alto que estava logo à frente. E se topava de novo com o velho Antônio. Ele deve ter pensado o mesmo porque apareceu no mesmo lugar do encontro anterior.

Como ontem, o velho Antônio se senta no chão e começa a forjar um cigarro. Eu me sento na frente dele e acendo meu cachimbo. O velho Antônio inicia: “Não estás caçando”. Eu respondo: “E o senhor não está indo para sua roça”. Algo me faz chamá-lo de senhor, com respeito, a este homem de idade indefinida e rosto curtido como a pele de um cedro que pela segunda vez na vida eu via.

O velho Antônio sorri e agrega: “Ouvia falar de vocês. Nas veredas dizem que vocês são bandidos. Na minha comunidade estão inquietos porque vocês andam por esses rumos”. “E o senhor, acha que somos bandidos?”, pergunto. O velho Antônio solta um grande círculo de fumo, tosse e nega com a cabeça. Eu me animo e lhe faço outra pergunta: “E quem o senhor acha que somos?”. “Prefiro que tu me digas”, responde o velho Antônio, e fica encarando meus olhos. “É uma história muito longa”, digo, e começo a falar sobre Zapata e Villa e sobre a revolução e a terra e a injustiça e a fome e a ignorância e a enfermidade e a repressão e tudo. E termino com um “e então nós somos o Exército Zapatista de Libertação Nacional”. Espero algum sinal no rosto do velho Antônio, que não deixou de me encarar durante minha explicação.

“Me conte mais desse Zapata”, disse, depois de fumar e tossir.

Eu começo com Anenecuilco, prossigo com o Plano de Ayala, a campanha militar, a organização das aldeias, a traição de Chinameca. O velho Antônio segue me encarando enquanto termino o relato. “Não foi assim”, me diz. Eu faço um gesto de surpresa e mal consigo balbuciar: “Não?”.

“Não!”, insiste o velho Antônio. “Eu vou te contar a verdadeira história desse tal de Zapata.”

Puxando tabaco e enrolando um cigarrinho, o velho Antônio inicia a sua história que une e confunde tempos velhos e novos, tal como se confundem e unem o fumo do meu cachimbo e o do seu cigarro.

“Há muitas histórias atrás, quando os deuses mais primeiros, os que fizeram o mundo, estavam ainda dando voltas pela noite, existiam dois deuses que eram o Ik'al e o Votán. Dois eram um só. Voltando-se um, aparecia outro, voltando-se outro, aparecia um. Eram contrários. Um era luz como manhã de maio no rio. Outro era escuro como noite de frio e caverna. Eram o mesmo. Eram um os dois, porque um fazia o outro. Mas não caminhavam, quietos estavam sempre esses dois deuses que um eram sem mover-se.”

“Que fazemos, então?”, perguntaram os dois. “Está triste a vida assim como estamos”, entristeciam os dois que eram um no seu estar.

“A noite não passa”, disse o Ik'al. “O dia não passa”, disse o Votán. “Caminhemos”, disse um que dois era. “Como?”, perguntou o outro. “Para onde?”, perguntou um. E viram que assim moveram-se um tiquinho, primeiro para perguntar como, depois para perguntar onde. Contentes ficou um que dois era quando viu que um tiquinho se moviam. Quiseram os dois ao mesmo tempo mover-se e não puderam.

“Como fazemos, então?” E se debruçava primeiro um e depois o outro, e moveram-se outro tiquinho e deram-se conta que se um primeiro e o outro depois então sim se moviam, e chegaram a um acordo de que, para mover-se, primeiro se move um e depois se move o outro, e começaram a mover-se e ninguém se lembra quem primeiro se moveu para começar a moverem-se porque muito contentes estavam porque já se moviam, e “que importa quem primeiro se já nos movemos?”, diziam os dois deuses que o mesmo eram, e riam, e o primeiro acordo a que chegaram foi dançar e dançaram, um passinho um, um

passinho o outro, e demoraram-se na dança porque contentes estavam por se terem encontrado.

Logo se cansaram de tanta dança e viram que outra coisa podiam fazer e viram que a primeira pergunta de “como mover-se?” trouxe a resposta de “juntos mas separados”, e essa pergunta não lhes importou muito porque quando perceberam já estavam se movendo, e então veio a outra pergunta quando viram que havia dois caminhos: um era muito curtinho e aí mesmo chegava e claro se via que aí mesmo pertinho terminava esse caminho e tanto era o gosto de caminhar que tinham nos seus pés que disseram rápido que o caminho que era curtinho não muito o queriam caminhar e chegaram ao acordo de caminhar o caminho comprido e já iam começar a caminhar, quando a resposta de escolher o caminho comprido lhes trouxe outra pergunta: “Aonde leva este caminho?”; tardaram pensando a resposta, e aos dois que eram um logo veio à cabeça que só se caminhavam o caminho comprido iriam saber aonde levava, porque assim como estavam nunca iam saber para onde levava o caminho comprido. E então disseram-se os dois que um era: “Pois vamos caminhá-lo, então”, e começaram a caminhá-lo, primeiro um e depois o outro. E aí mesmo se deram conta de que levava muito tempo caminhar o caminho comprido e então veio a outra pergunta: “Como vamos fazer para caminhar muito tempo?”, e ficaram pensando um bom bocado e então o Ik’al clarinho disse que ele não sabia caminhar de dia e o Votán disse que ele de noite medo tinha de caminhar, e ficaram chorando um bom bocado, e logo que acabou a choradeira que tinham se puseram de acordo e viram que o Ik’al podia muito bem caminhar de noite e que o Votán podia muito bem caminhar de dia e que o Ik’al caminhasse o Votán na noite, e assim acharam a resposta para caminhar o tempo todo. Desde então os deuses caminham com perguntas e não param nunca, nunca chegam e se vão nunca. E assim aprenderam então os homens e mulheres verdadeiros que as perguntas servem para caminhar, não para ficar só parados. E, desde então, os homens e mulheres verdadeiros para caminhar

perguntam, para chegar se despedem e para ir embora cumprimentam. Nunca ficam quietos.

Eu fico mordiscando a já curta boquilha do cachimbo esperando que o velho Antônio continue, mas ele parece já não ter a intenção de fazê-lo. Com medo de quebrar algo muito sério, pergunto: “E Zapata?”.

O velho Antônio sorri: “Já aprendeste que para saber e para caminhar há que perguntar”. Tosse e acende um cigarro que não sei a que horas enrolou, e por entre o fumo que sai dos seus lábios caem as palavras como sementes ao solo: “O tal Zapata apareceu aqui nas montanhas. Não nasceu, dizem, apareceu sem mais. Dizem que é o Ik’al e o Votán que até aqui vieram parar no seu longo caminho e que, para não espantar as gentes boas, tornaram-se um só. Porque, de muito andar juntos, o Ik’al e o Votán aprenderam que eram o mesmo e que podiam tornar-se um só no dia e na noite, e quando chegaram até aqui tornaram-se um e adotaram o nome de Zapata e disse o Zapata que até aqui havia chegado e aqui ia encontrar a resposta sobre aonde leva o longo caminho e disse que por vezes seria luz e por vezes seria escuridão, mas que era o mesmo, o Votán Zapata e o Ik’al Zapata, o Zapata branco e o Zapata negro, e que eram os dois o mesmo caminho para os homens e as mulheres verdadeiros.”

O velho Antônio tira da sua sacola uma bolsinha de nylon. Dentro dela está uma foto muito velha, de 1910, de Emiliano Zapata. Tem Zapata a mão esquerda empunhando um sabre na altura da cintura. Tem, na mão direita, uma carabina erguida. Duas cartucheiras de balas cruzam seu peito, uma espécie de luz de dois tons, branca e negra, o cruza da esquerda à direita. Tem os pés como quem está ficando quieto ou caminhando e um olhar assim como “aqui estou” ou “por ali já vou”. Há duas escadas. Em uma, que sai da obscuridade, se veem mais zapatistas de rostos morenos, como se saídos do fundo de algo; na outra escada, que está iluminada, não há ninguém e não se sabe aonde leva ou de onde vem. Mentiria se dissesse que eu me dei conta de todos esses detalhes. Foi o velho Antônio que me

chamou a atenção sobre eles. Atrás da velha fotografia se lê: "Gen. Emiliano Zapata, comandante em chefe do Exército do Sul. 1910. *Photo by: Agustín V. Casasola*".

O velho Antônio me diz: "Eu fiz muitas perguntas para esta foto. Assim foi como cheguei até aqui". Tosse e joga fora a baba do cigarro. Me dá a foto. "Toma", me diz, "para que aprendas a perguntar... e a caminhar".

Com esta reflexão, nós o convidamos para o nosso livro.

Sebastião Vargas